

As rosas negras da tecnologia

Bernardo Felipe Estellita Lins¹

Atlas of AI
Autora: Kate Crawford
Publicado em 2021 pela
Yale University Press, New
Haven (CT), EUA

Tecnologia não é neutra. Qualquer inovação implica, ao ser adotada, um compromisso entre ganhos e perdas. Com a inteligência artificial e outros avanços da computação, o quadro não é diferente. Há contrapartidas a considerar em todos os níveis de arquitetura das soluções. Há o acréscimo de danos à natureza para a extração e beneficiamento dos metais usados em semicondutores, fiação, painéis, pela geração de energia elétrica para o

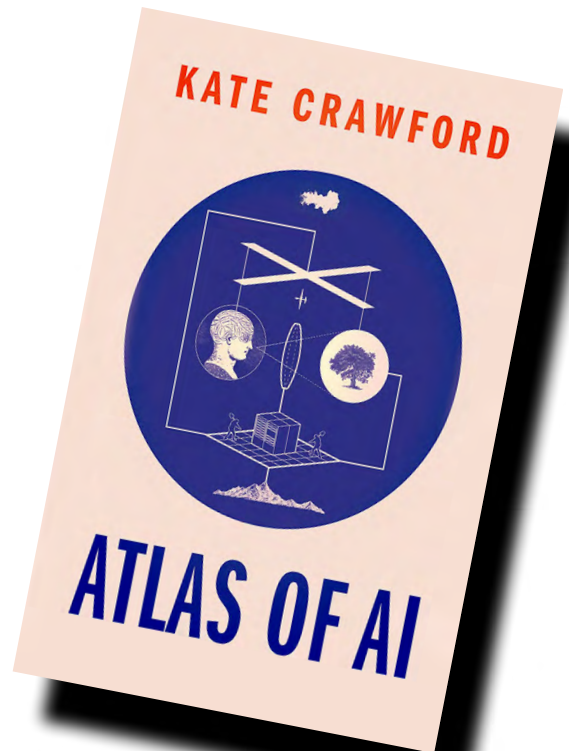
1 Doutor em Economia pela Universidade de Brasília. Consultor Legislativo da Área XIV - Ciência e Tecnologia, Comunicação Social, Informática, Telecomunicações e Sistema Postal.

uso de um número sempre crescente de dispositivos, pela produção de polímeros com elevada emissão de tóxicos usados no plástico das carcaças. Há o prejuízo ambiental decorrente do descarte desses materiais. Há as falhas nos programas, as imperfeições em sua calibração. Há as enfermidades ocupacionais decorrentes de má postura ou do cansaço devido ao uso abusivo dos aplicativos. Há o desgaste enfrentado pelas pessoas que são supervisionadas por sistemas inteligentes, com pouca ou nenhuma consideração pela má ergonomia de postos de trabalho e pela aceleração do ritmo das operações fabris.

Kate Crawford faz um apanhado abrangente desses problemas. Sob o rótulo da crescente adoção de soluções baseadas em inteligência artificial, reconstrói o edifício da indústria da computação e suas várias ramificações, examinando o mercado em camadas que se sobrepõem: a mineração dos materiais utilizados, a industrialização dos computadores e smartphones, a pressão da publicidade para seu consumo, a acumulação de dados em desrespeito à privacidade das pessoas, o teste e a calibração de programas com massas de casos em que vieses preconceituosos são incorporados, e a supervisão de todos os aspectos da vida dos cidadãos em

uma sociedade policiada. O texto, no entanto, flui elegantemente entre boas narrativas de episódios históricos e revelações de procedimentos discretamente escondidos pela indústria. Não é uma leitura cansativa ou revoltante. Mas é uma ducha de água fria.

Crawford é uma jornalista australiana com doutorado pela Universidade de Sidney. Autora premiada, é pesquisadora da Microsoft Research (MSR), professora visitante do Centro de Mídia Cívica do MIT, fellow do Instituto de Legislação da Informação da NYU e professora associada da Univer-



sidade de Nova Gales do Sul. É também compositora e produtora musical. Especializou-se na difícil intersecção entre a computação, a mídia e seus efeitos sociais. É uma área de investigação que se iniciou nos anos 1970 e produziu um volume expressivo de contribuições nas décadas seguintes. Pesquisadores como Philip Agre, Kevin Kelly, Nicholas Negroponte e Rosaria Conte e filósofos como Jean-François Lyotard estão entre os nomes dessa época cuja importância persiste, apesar do passar dos anos.

Muitos dos dilemas que hoje vivemos, submersos em uma internet que nos envolve e com a qual interagimos continuamente, redefinindo nossos valores e nossos hábitos para adequar-nos a microcomunidades em que vivenciamos nossos jogos de relacionamento e compartilhamos uma linguagem legitimada por nossos interlocutores, foram antecipados por esses autores. Crawford segue essa trilha, desbravando a realidade em que estamos envolvidos. Contrariamente aos futurólogos que buscam antecipar tendências, por vezes com tintas ficcionais, ela é uma arqueóloga do presente, uma observadora dos fatos como se apresentam.

A visão de Crawford é de um saudável ceticismo. Em vez de oferecer uma bíblia apologética de

uma fé ou um encantamento com a inteligência artificial, ela desenha um mapa dos seus contrapontos, lembrando-nos que, como toda solução tecnológica, a computação deve conhecer limites. Deter a tecnologia significa, em última análise, deter controle e poder sobre os processos em que esta pode ser aplicada. E a inteligência artificial, com os avanços dos últimos anos, vem rompendo as fronteiras para suas aplicações, com o agravante de que, aponta a autora, a cada dia, a escala dos sistemas é mais complexa; os volumes de dados tratados, maiores; as correlações, mais surpreendentes; e a capacidade de supervisão sobre as aplicações, mais limitada.

A adoção desses avanços traz consigo, portanto, desafios éticos importantes, que não estão sendo adequadamente tratados. A área da computação convive com uma situação em que a responsabilidade por eventuais danos não é reconhecida por desenvolvedores de soluções e criadores de conjuntos de dados, ou é vista como uma questão além do escopo do projeto. Dada a rapidez com que os avanços na teoria vêm sendo incorporados aos sistemas, não há tempo para que uma avaliação apropriada dos dilemas éticos possa ser empreendida. Crawford aponta, porém, que

definir parâmetros éticos não será uma tarefa suficiente. Na medida em que toda tecnologia tende, em última instância, a reforçar e perpetuar o status quo, sua adoção, mais do que uma questão de ética, é uma questão de poder.

Esse pequeno atlas é, portanto, uma leitura importante, quiçá necessária, para que possamos manter um olhar corretamente calibrado sobre esse mundo que se aparenta a cada dia mais artificial. Uma leitura densa, desafiadora, que coloca em questão convicções que aprendemos na escola que frequentamos e no marketing que nos bombardeia de modo avassalador. Tudo o que é tech é pop, até olharmos o reverso obscuro da medalha. É esse reverso que Crawford nos mostra, e o faz com surpreendente elegância.